

AS TEMERÁRIAS AVENTURAS DE UM TRADUTOR NÃO-NATIVO NOS JARDINS DA POESIA POLONESA

The Daredevil Adventures of a Non-Native Translator in the Gardens of Polish Poetry

Vojislav Aleksandar JOVANOVIĆ

Universidade de São Paulo

jovanov@usp.br.

<https://orcid.org/0000-0002-3054-6026>

RESUMO: A presente apresentação objetiva problematizar a questão da operação tradutória e, de modo particular, da tradução do gênero poético. De outro lado, tem como finalidade enquadrar a experiência do autor na tradução de poemas de alguns poetas poloneses, embora não tenha sido este o foco central ao longo de sua produção tradutória. Entendemos que se pode caracterizar a tradução como operação linguístico-cultural, uma vez que a transposição de conteúdos de uma língua de partida para uma de chegada representa *ab ovo* o diálogo entre culturas. Por óbvio, trata-se de definição simplificada de relação estabelecida entre dois sistemas de significação e dois grupos etnoculturais. A incursão pessoal na tradução de poesia polonesa para o português materializou-se, sobretudo, na antologia intitulada *Céu Vazio – 63 poetas eslavos* (São Paulo: Hucitec, 1996) em que foram traduzidos textos de poetas poloneses, sérvios, tchecos, eslovenos, croatas e macedônios. Todos os poetas inseridos no livro são escritores do século XX; a única exceção foi Jan Kochanowski, que aparece no livro com três poemas traduzidos. **PALAVRAS-CHAVE:** Literatura polonesa; Poesia; Tradução; Teoria da tradução.

ABSTRACT: This presentation aims to discuss the question of translation operation and, in particular, of the translation of the poetic genre. On the other hand, its purpose is to frame the author's experience in the translation of poems by some Polish poets, although this was not the central focus throughout his translation production. We understand that translation can be characterized as a linguistic-cultural operation, since the transposition of contents from a source language into a target language represents an open dialogue between cultures. Obviously, it is a simplified definition of the relationship established between two systems of meaning and two ethnocultural groups. The personal foray into the translation of Polish poetry into Portuguese materialized, above all, in the anthology entitled *Empty Sky (Céu Vazio)- 63 Slavic poets*

(São Paulo: Hucitec, 1996) in which texts of Polish, Serbian, Czech, Slovenian, Croatian and Macedonians poets were translated. All the poets in the book are twentieth-century writers; The only exception was Jan Kochanowski, who appears in the book with three translated poems. **KEY-WORDS:** Polish literature; Poetry; Translation; Translation studies.

STRESZCZENIE: Niniejsza prezentacja ma na celu omówienie kwestii operacji tłumaczeniowej, a zwłaszcza tłumaczenia gatunku poetyckiego. Z drugiej strony jej celem jest ujęcie doświadczenia autora w tłumaczeniu wierszy niektórych polskich poetów, chociaż nie było to głównym celem całej jego działalności przekładowej. Rozumiemy, że tłumaczenie można opisać jako operację językowo-kulturową, ponieważ transpozycja treści z języka źródłowego na język docelowy pokazuje *ab ovo* dialog między kulturami. Oczywiście jest to uproszczona definicja relacji ustanowionej między dwoma systemami znaczeń i dwiema grupami etniczno-kulturowymi. Osobista próba tłumaczenia polskiej poezji na portugalski zmaterializowała się przede wszystkim w antologii zatytułowanej *Puste niebo - 63 poetów słowiańskich* (São Paulo: Hucitec, 1996), w której zostały przetłumaczone teksty poetów polskich, serbskich, czeskich, słoweńskich, chorwackich i macedońskich. Wszyscy poeci tłumaczeni w książce są pisarzami dwudziestowiecznymi; jedynym wyjątkiem jest Jan Kochanowski. W książce opublikowane są trzy jego wiersze w tłumaczeniu. **SŁOWA KLUCZOWE:** Literatura polska; Poezja; Przekład; Teoria przekładu.

Tradução do resumo: Piotr Kilanowski

O ato tradutório é sempre um desafio múltiplo, porque depende do fazer-interpretativo de um enunciatário – nesse caso particular, o tradutor – que deve pôr à prova o seu saber-fazer-enunciativo situado num tempo, num espaço e também num sistema de significação diversos daquele em que o texto foi enunciado/produzido. Traduzir é sinônimo de uma operação interlinguística e, também, de uma operação intercultural, de modo que se pode afirmar que é certa forma de comunicação entre culturas.

Traduttore, traditore. O jogo paronomástico encerrado na conhecida expressão italiana sintetiza, de modo sutil, mas exato, os dilemas a que está exposta a tradução, complexa operação interlinguística, interssemiótica e intercultural. Imaginar que se pode afirmar que a tradução consiste em transpor simplesmente determinado conteúdo de uma substância linguística (chamada de língua de partida) para outra substância linguística

(chamada de língua de chegada) é uma abordagem simplista e ingênua. Há muito mais questões a serem levadas em consideração nesse processo de escolhas delicadas e de sucessivas (e inevitáveis) perdas e ganhos.

Que as línguas são, em primeiro lugar, uma espécie de fio condutor da *visão de mundo* de qualquer comunidade sociolinguística e cultural foi enunciado, ainda no século XIX, por Wilhelm von Humboldt (que a denominou de *Weltanschauung*, termo depois apropriado, de certo modo, pela Teoria da Literatura) e a tese hoje é aceita, sem reservas, pelas Ciências da Linguagem. Há quase três décadas, Haroldo de Campos, num texto que se tornou canônico (CAMPOS, 1987), chamava a tradução de *operação tradutora*, que não pode ser resumida à simples transposição termo-a-termo de um texto qualquer, de um idioma para outro.

Cabe destacar que, desde que começamos a trabalhar com tradução, adotamos, claramente e *ab initio*, um princípio formulado por Haroldo de Campos, há décadas, num texto que já se tornou clássico: “Traduzir há de ser criar- re-criar, sob pena de esterilização, e petrificação, o que é pior que a alternativa de trair” (CAMPOS, 1976, p. 43). O tradutor deve restabelecer, **re-criar** na língua de chegada as relações contraídas entre os planos do conteúdo e da expressão no idioma de partida. Este problema agrava-se, dramatiza-se, quando se trata de um texto poético. As razões parecem óbvias, face à pluri-isotopia dos textos de natureza poética. Se atentarmos para os conceitos formulados por Haroldo de Campos a respeito da *transcrição poética*, veremos que subjaz a noção de *paramorfismo* a ser estabelecido entre original e texto traduzido, de tal modo que o ato tradutório resulta em criação autônoma, paralela, mas recíproca (CAMPOS, 1976).

Por outro lado, a formulação de Campos põe em xeque o par excludente fixado por Ewald Osers, ou seja, da *fidelidade infiel* e da *infidelidade fiel* (ΠΟΠΟΒΑ, 1983) Em outras palavras: para Osers, a *fidelidade infiel* acaba sendo uma cópia formal da língua de partida na língua de chegada, sem levar em conta os diversos aspectos e níveis do texto - definição que endossamos -, ao passo que a *infidelidade fiel* está vinculada à ideia da transcrição de uma língua para a outra. Porém é preciso ter consciência aguda do fato de que toda e qualquer tradução resulta, em primeiro lugar, de uma leitura idiossincrática realizada pelo tradutor e, ainda, que tradução alguma é capaz de dar conta de todos os estratos de um texto. Não há relação biunívoca entre o texto na língua-fonte e o texto na língua-alvo. Há um contínuo devir entre ganhos e perdas durante o ato tradutório, ganhos e perdas que se cristalizam, em caráter definitivo, no produto desse ato, no texto traduzido.

A disjunção poesia/prosa deixa de ser relevante frente a esta noção de tradução como **re-criação** ou **transcrição**, uma vez que a condição *sine qua non* está vinculada

ao critério das dificuldades apresentadas no texto da língua de partida. Devemos aduzir que essa **tradução-transcrição** deve ser entendida, também, como transcodificação intermacrosemiótica, isto é, de uma macrosemiótica - conjunto de todos os sistemas semióticos e seus discursos em operação numa comunidade sócio- linguístico- cultural - para outra macrosemiótica. Em se tratando de um sistema semiótico verbal, cabe ao tradutor restabelecer, **re-criar** na língua-meta o isomorfismo (no sentido hjelmsleviano) entre os planos da expressão e do conteúdo, estabelecidos na língua de partida. Este problema agrava-se, dramatiza-se, quando se trata de um texto poético: as razões parecem óbvias, face à pluri-isotopia desses textos.

As questões de natureza teórica suscitadas pelo problema da operação tradutora são, por óbvio, muito mais complexas e extensas do que as poucas observações aqui expostas. Contudo, elas têm como propósito exclusivo situar a perspectiva que vem orientando nossa ação prática no terreno da tradução, lembrando, ademais, que não consideramos possível efetuar um trabalho consciente de tradução sem uma postura teórica claramente definida diante dos procedimentos a serem adotados, sob pena de o texto traduzido tornar-se estéril, perdendo sentido(s) e qualidade. E isso inclui a prática do necessário e obrigatório *cotejamento* das soluções com traduções para outras línguas que o tradutor conheça.

Umberto Eco menciona, de modo explícito, a necessidade absoluta de o tradutor respeitar o sentido profundo do texto que transpõe para outra língua/cultura (ECO, 2003). Por outro lado, a noção de que traduzir é, em certa medida, transcriir no idioma de chegada para sempre respeitar (se e quando isso é factível) o texto original, torna-se mais aguda diante do texto poético. Foi com base nos conceitos mencionados que os textos traduzidos adiante também foram tratados.

As traduções de poetas poloneses que este tradutor não-nativo aventurou-se, de modo temerário, a realizar e, ainda por cima, a publicar, apareceram no volume intitulado *Céu Vazio – 63 poetas eslavos* (JOVANOVIĆ, 1996)¹ em que foram traduzidos textos de poetas poloneses, sérvios, tchecos, eslovenos, croatas e macedônios. São textos de 63 poetas de línguas e nacionalidades eslavas, sendo 13 poloneses, 13 tchecos, 15 sérvios, 7 croatas, 4 eslovenos e 11 macedônios. Todos os poetas inseridos no livro são escritores do século XX; a única exceção foi Jan Kochanowski (1530-1584), que aparece no livro com três poemas traduzidos. Os demais autores poloneses foram Julian Tuwim, Czesław Miłosz, Miron Białoszewski, Tadeusz Różewicz, Tymoteusz Karpowicz,

¹ Traduções minhas do polonês: Tadeusz Różewicz – Minha Poesia, Medo; Tymoteusz Karpowicz – Sonho, Esboço para um poema de amor moderno.

Wisława Szymborska, Zbigniew Herbert, Bogdan Czaykowski, Adam Zagajewski, Stanisław Barańczak, Ewa Lipska e Julian Kornhauser. Depois, a convite da editora Cosac Naify, traduzi alguns textos de Tadeusz Różewicz e Tymoteusz Karpowicz para o volume de Michael Hamburger (2007).² Antologias sempre estão sujeitas a infundáveis questionamentos (justificáveis, por sinal): sempre dependem de fatores muito diversos, tais como a leitura idiossincrática do antologista, gosto e julgamentos pessoais, finalidade da coletânea, limitação de páginas imposta pela editora, etc., etc.

Segue exemplo de tradução-transcrição de texto do poeta Tadeusz Różewicz.

Tadeusz Różewicz (1921-2014)

MOJA POEZJA

niczego nie tłumaczy
niczego nie wyjaśnia
niczego się nie wyrzeka
nie ogarnia sobą całości
nie spełnia nadziei

nie stwarza nowych reguł gry
nie bierze udziału w zabawie
ma miejsce zakreślone
które musi wypełnić

jeśli nie jest mową ezoteryczną
jeśli nie mówi oryginalnie
jeśli nie zadziwia
widocznie tak trzeba

jest posłuszna własnej konieczności
własnym możliwościom
i ograniczeniom
przegrywa sama ze sobą

nie wchodzi na miejsce innej
i nie może być przez inną zastąpiona

² Traduções minhas do polonês: Jan Kochanowski – Às Musas, A vida humana, Tília; Juliam Tuwim- Poema; Czesław Miłosz – História da Literatura Polonesa – Pequeno poema sobre o fim do mundo – Ars poética; Miron Białoszewski – Auto-retrato; Tymoteusz Karpowicz – Quem é o poeta, O retorno do poeta, Reabilitação *post-mortem*; Wisława Szymborska – Céu; Zbigniew Herbert – Informe da cidade sitiada; Bogdan Czaykowski – Revolta em versos; Adam Zagajewski – Derrota; Stanisław Barańczak – A longevidade dos executores; Ewa Lipska – Testamento, Estude a morte; Julian Kornhauser – Poesia.

otwarta dla wszystkich
pozbawiona tajemnicy

ma wiele zadań
którym nigdy nie podoła

(1965)

Minha poesia

nada traduz
nada explica
nada expressa
não abarca totalidade alguma
não reifica esperança alguma

não cria regras novas do jogo
não participa dele
o lugar está delimitado
e ele deve completar

se não é fala esotérica
se não se expressa de modo original
se não deixa perplexo
assim deve então supostamente ser

obedece à própria necessidade
às próprias possibilidades
e limitações
perde para si mesmo

não substitui coisa alguma
não pode ser substituída por coisa alguma
aberta a todos
sem segredos

possui muitas tarefas
que jamais satisfaz
(1965)

REFERÊNCIAS:

CAMPOS, Haroldo de. O Texto como Produção (Maiakóvski). In: CAMPOS, Haroldo de. *A Operação do Texto*. São Paulo: *Perspectiva*, 1976. p. 43-88.

CAMPOS, Haroldo de. Da Transcrição; Poética e Semiótica da Operação Tradutora. In: OLIVEIRA, Ana Claudia de; SANTAELLA, Lucia. *Semiótica da Literatura*. São Paulo: Educ, 1987.

ECO, Umberto. *Dire quasi la stessa cosa*. Esperienze di traduzione. Milano: Bompiani, 2003.

HAMBURGER, Michael. *A verdade da poesia*. São Paulo: Cosac Naify, 2007.

JOVANOVIĆ, Aleksandar (Org.). *Céu Vazio – 63 poetas eslavos*. Organização, estudo introdutório, notas biográficas e tradução de Aleksandar Jovanović. São Paulo: Hucitec, 1996.

ПОПОВА, Татијана. Верна неверност. Књижевниот превод како фактор на културата In: Меѓународна средба на књижевните преведувачи, 11., 1983, Тетово. *Зборник на трудови од симпозиумот на XI Меѓународна средба на књижевните преведувачи*. Тетово: Советот на Меѓународна средба на књижевните преведувачи, 1983. p. 37-54.